

ALÉM DO CARTESIANISMO¹

Marcos Lanna
Universidade Federal do Paraná

Quais as especificidades de *Saudades de São Paulo*? Quais as marcas deste livro no contexto da obra de Lévi-Strauss? Antes de mais nada, trata-se de uma homenagem à cidade, e mais especificamente ainda, à cidade de São Paulo. Desde sua viagem mais recente ao Brasil, em 1985, e especialmente em *Saudades do Brasil*, seu livro anterior, Lévi-Strauss vem reconhecendo a importância do Brasil na sua vida. Sugestivamente, ele o faz de modo emocional, com saudades. Os trópicos continuam tristes, mas agora são, cada vez mais, dignos também de saudades.

O interesse deste livro vai entretanto além dos subsídios para o entendimento da postura de Lévi-Strauss em relação ao “seu campo”. Suas fotografias, feitas entre 1935 e 1937, nos levam a compreender melhor a cidade de São Paulo. Se as ilustrações são sempre importantes nos livros de Lévi-Strauss, desta vez elas passam para o primeiro plano, o breve texto se subordinando às imagens.

Mas estas questões estão entrelaçadas. Entender a postura de Lévi-Strauss em relação ao trabalho de campo é entender sua postura em relação aos tristes trópicos, e ao mesmo tempo entender melhor aspectos destes trópicos, no caso específico, da cidade de São Paulo. Podemos assim ir além da análise, *à la* Geertz (1988), de pressupostos importantes de sua obra e entender melhor também algo sobre os próprios trópicos. Em resumo, a São Paulo de Lévi-Strauss revela algo do Brasil que foi seu espelho.

Já é tempo de pensarmos em Lévi-Strauss como um etnógrafo bem-sucedido. Ao fazer um curto ensaio, ele deixa São Paulo se revelar através das suas fotografias. Em seu texto, Lévi-Strauss reafirma seu interesse pela paisagem natural, mas as fotografias denunciam antes de mais nada sua atração pelo fenômeno urbano. Este fato, inconsciente, é revelador: Lévi-Strauss também foi um antropólogo urbano, mas preferiu não se assumir como tal. Por exemplo, há fotografias documentando um desfile carnavalesco — que aliás, como o antropólogo também estava fazendo, demarcava os espaços da cidade — mas não há comentários sobre o desfile. Há, entretanto, longos comentários sobre as poucas fotografias de “fenômenos naturais”, como as praias e as matas da cidade de Santos.

O livro evidencia ainda um fascínio pelos contrastes e sobreposições do contexto urbano, que até hoje não parecem claros para um olhar menos distanciado, como o da própria elite paulista. Assim, ao contrário do que mostrou o crítico teatral Décio Almeida Prado (1996), o atraso, a caipirice e a pobreza não foram expulsos para a periferia da cidade, mas permanecem também no centro. Se saíram as boiadas fotografadas por Lévi-Strauss, surgiram as inúmeras carroças, puxadas a cavalo, dos “garrafeiros”¹; se não há mais esgotos a céu aberto na atual Avenida 23 de Maio, eles agora estão, entre tantos outros lugares, no bairro do Butantã, onde fica a Cidade Universitária da USP. Como Lévi-Strauss também nos mostra, há 60 anos, tal como hoje, a elite local revelava uma forte crença no crescimento físico como sinal de progresso, sem notar que este não exclui, mas é paralelo, ao provincianismo e ao crescimento da pobreza. Lévi-Strauss se deixava então absorver por fatos cuja importância apenas hoje sabemos relevar.

Já se disse que Claude Lévi-Strauss seria o estruturalismo personificado, o que, a julgar por várias entrevistas, ele parece aceitar (cf., por exemplo, ERIBON e LÉVI-STRAUSS, 1990). Em *Saudades de São Paulo*, ele argumenta contra a suposição de Canevacci (1993) de que seu estruturalismo tenha surgido da experiência

¹ Quando não são puxadas a cavalo, estas carroças nos lembram os “riquixás” asiáticos, mas com duas grandes diferenças: a) bicicletas nunca são usadas; b) ao invés de gente, os “garrafeiros” (entre aspas porque uma categoria nativa) levam restos e despejos da sociedade industrial-“tupiniquim”, como garrafas de vidro, papéis e papelão.

em São Paulo e em Nova Iorque. Pelo contrário, segundo ele mesmo, Lévi-Strauss teria se interessado por São Paulo e Nova Iorque porque já era estruturalista. Seja como for, este livro aborda o fato de haver em São Paulo uma confusão apenas aparente. Ou melhor, haveria “ilhas de organização” por trás, ou paralelamente, à desordem.

Para quem conhece o modo contundente com que Lévi-Strauss se engaja em uma polêmica, o argumento contra Canevacci parece quase uma simpática aprovação. Isto se levamos em conta que a sistematização da antropologia estrutural se deve ao encontro entre Lévi-Strauss e Roman Jakobson em Nova Iorque. Antes, como Lévi-Strauss mesmo diz, ele “era um estruturalista ingênuo”. Neste sentido, o próprio *Saudades de São Paulo* sugere que a experiência brasileira, e sobretudo a paulista, não deve ser minimizada, talvez mesmo no sentido da superação do que haveria de ingênuo naquele estruturalismo anterior ao encontro com Jakobson.

Isto porque, em São Paulo, Lévi-Strauss já fazia trabalho de campo, longe das agruras das “savanas do Brasil central”. Nestas, Lévi-Strauss não encontrou apenas uma natureza grandiosa e civilizações que soube tão bem compreender, mas também um sentimento de exasperação, como já revelou várias vezes. Clifford Geertz (1988) precisou de alta dose de pretensão para supor descobrir algo que o próprio Lévi-Strauss expõe e elabora com a costumeira clareza em *Tristes Trópicos*: as dificuldades de um antropólogo francês no campo, em meados da década de 1930. Lévi-Strauss já demonstrara que a dedicação à Antropologia não exclui momentos de impaciência. Ou por outra, a prática da etnografia não é necessariamente prazerosa, talvez mesmo não deva ser, pois inclui também sentimentos como a irritação. Ora, Lévi-Strauss nos revela agora que a sua experiência paulista, o seu trabalho de campo em São Paulo, se qualifica exatamente pela ausência quase completa deste tipo de dificuldade, digamos (para usar um termo já banal), existencial.

Em *Saudades de São Paulo* Lévi-Strauss relata a sua saída da França, motivada por um “desejo de evasão”, ligado à sua descoberta da Antropologia; ele buscava afastar-se do pensamento ocidental, especialmente o filosófico, mas sempre com a convicção da possibilidade de renová-lo profundamente. Em São Paulo, surpreendeu-se ao ver que “escalava degraus da escala social”, não apenas profissionalmente. Por exemplo, Lévi-Strauss faz observações sobre as empregadas domésticas que passou a ter. Assim, num momento de pelo menos dois anos, anterior ao enfrentamento das dificuldades e às revelações das expedições de campo de 1937, Lévi-Strauss “renovou seu espírito” ao encontrar uma realidade nova “em tempo e dimensão reais”. São Paulo representou para Lévi-Strauss uma experiência concreta em outro tempo e em outra dimensão, na qual ele tinha a consciência de ser ao mesmo tempo observador e agente. Isto influenciou profundamente sua reflexão posterior.

Lévi-Strauss descreve este como um momento de “ardor alegre”, matizado apenas por “dificuldades profissionais”. Estas foram geradas por um ambiente de “politicagem” também novo para ele, diferente daquele francês: ele nos conta como foi quase demitido da Universidade de São Paulo, na qual se sentia “na posição de cliente, no sentido romano do termo”. Ora, como fica claro, Lévi-Strauss foi cliente dos donos do jornal *O Estado de S. Paulo* e de outros paulistas “quatrocentões”, patronos da USP. Lévi-Strauss narra o posterior arrependimento de um Júlio de Mesquita Filho já fisicamente debilitado, que tomou a forma — tradicional entre católicos brasileiros, eu lembraria — da subida de uma íngreme escada, aquela que dá acesso ao Laboratório de Antropologia do Colégio de França, em Paris. Conclui-se que uma das novidades que Lévi-Strauss experimenta em São Paulo foi a de ser “cliente”, como ele nota. Mas não esqueçamos que ele também foi patrão, também no sentido romano deste termo, tanto ao servir-se de empregadas domésticas como, posteriormente, já na França, ao submeter um poderoso patrão brasileiro a uma demonstração ritual de arrependimento.

Saudades de São Paulo se inicia com um bela reflexão sobre a palavra saudade. Entendendo-a como categoria nativa, semelhante à noção japonesa de *aware*, Lévi-Strauss indica que ela nos conduz “à evidência de que não há nada no mundo de permanente nem de estável em que possamos nos apoiar”. Isto não parece típico de Lévi-Strauss, que dedicou sua vida à busca de “constantes estruturais”, com tanto sucesso, aliás. Por exemplo, ao se referir à formação das cidades em geral, ele afirma que “nada se faz ao acaso”. De todo modo, vale lembrar, com Da Matta (1993), que a noção de saudade nos remete à uma antropologia do tempo, para a qual também *Saudades de São Paulo* contribui, ao ponderar sobre a velocidade das transformações de cidades como São Paulo.

Como *Tristes Trópicos*, *Saudades de São Paulo* dá ao leitor brasileiro, e não apenas aos cientistas sociais, uma noção mais exata do que é a Antropologia, pois nos leva a estranhar nossa própria sociedade. Isto porque entramos em contato com uma poderosa interpretação de nossa realidade, desta vez principalmente visual.

Mas também porque esta é uma interpretação de uma “outra” São Paulo, já passada, se ainda a mesma. Isto é, através da São Paulo que nos é apresentada por Lévi-Strauss, cada leitor se torna ele mesmo um antropólogo ao reavaliar a sua própria visão da cidade. De um modo mais geral, os textos de Lévi-Strauss sobre o Brasil obrigam cada leitor brasileiro a sair de si mesmo.

É justamente neste sentido que a Antropologia leva a uma superação da oposição cartesiana entre sujeito e objeto, pois o sujeito deixa o objeto nele penetrar, e vice-versa. Chegamos a algo como “troco, logo existo”. No processo, outras dicotomias cartesianas serão superadas, como aquelas entre alma e corpo ou entre sensível e inteligível. Como lembra Goldman (1994), Paulo Leminski sugeria, em Catatau, que o cartesianismo não teria sido o mesmo se Descartes tivesse visitado a realidade fantástica dos trópicos. De certa forma, ele nos visitou, na pessoa de um seu conterrâneo. O resultado só poderia ser uma superação do cartesianismo.

Marcos Lanna é Doutor em Antropologia (Universidade de Chicago) e Professor do Departamento de Antropologia da UFPR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA PRADO**, Décio. (1996). “Saudades de Lévi-Strauss”. *Jornal de Resenhas/Folha de São Paulo*, 12/04/1996.
- CANEVACCI**, Massimo. (1993). *A cidade polifônica*. São Paulo, Nobel.
- DA MATTA**, Roberto. (1993). “Antropologia da saudade”. In: *Conta de mentiroso*. Rio de Janeiro, Rocco.
- ERIBON**, Didier e **LÉVI-STRAUSS**, Claude. (1990). *De perto e de longe*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- GEERTZ**, Clifford. (1988). *Works and Lives. The Anthropologist as Author*. Stanford, Stanford University Press.
- GOLDMAN**, Márcio. (1994). *Razão e diferença*. Rio de Janeiro, Grypho/UFRJ.
- LÉVI-STRAUSS**, Claude. (1981). *Tristes trópicos*. São Paulo, Martins Fontes.

* * *

